

# PROPOSITAMENTE DESTRUÍDO

Desbotados, rasgos, manchas e cortes irregulares saem da gaveta para conquistar as ruas, as passarelas e as redes sociais. Por trás da estética imperfeita, um novo jeito de consumir, se vestir e se posicionar no mundo

POR JÚLIA SIRQUEIRA\*

**D**urante muito tempo, peças rasgadas, manchadas, desbotadas ou com cortes irregulares eram associadas àquelas prontas para serem descartadas. Agora, a lógica se inverte: o que antes era “defeito” hoje é diferencial. O estilo *destroyed*, aliado ao *vintage* e às estéticas *washed out* (lavagem que cria tons desbotados e desiguais) e *worn* (visual de desgaste natural pelo tempo), tornou-se símbolo de autenticidade.

Essas roupas carregam não apenas um estilo, mas uma narrativa sobre histórias de uso, personalidade e até posicionamento político. “Muitos jovens enxergam isso como mais autêntico do que roupas novas e impecáveis”, explica Mábel De Bonis, CEO do Fashion Campus. Essa busca por um visual mais “real” e imperfeito também é uma resposta à pressão das imagens impecáveis nas redes sociais — um contraponto à estética filtrada e plastificada que dominou a última década.

*Destroyed* e vertentes como *washed out* e *worn* não nasceram no mundo *fashion*. O jeans, por exemplo, surgiu no século 19 como roupa de trabalho para mineiros, ferroviários e agricultores, valorizado por sua resistência. O salto estético veio nos anos 1970, quando o punk britânico transformou o desgaste em protesto: calças rasgadas, remendos improvisados, alfinetes e estampas provocativas eram um ataque direto ao sistema e à cultura de consumo.

Nos anos 1990, o grunge popularizou o “desleixo com intenção”, misturando camisas de flanela, jeans detonados e botas pesadas. Já nos anos 2000, o *distressed denim* foi incorporado por marcas de luxo como Diesel e True Religion, vendendo calças rasgadas a preços altos.

Peça que evidencia o “desleixo com intenção” sem sair da moda